

PANORAMA DO APOCALIPSE

Cerca de vinte visões simbólicas dadas a um profeta revelam o panorama celestial sobre a história em Apocalipse, tendo como resultado um cenário final controlado por Deus. O número sete está envolvido em cada parte do livro. Apocalipses judaicos eram entregues através de números e códigos no judaísmo, a maior parte dessa literatura foi composta entre o segundo século antes de Cristo e o segundo século da era cristã. Essas obras contêm descrições dos mistérios celestiais, segredos de governos mundiais, atividades de espíritos bons e maus, detalhes sobre o fim do mundo (era) e outros temas. João usa símbolos retirados principalmente do Antigo Testamento.

As situações das igrejas no primeiro século são abordadas no livro em forma de cartas, desta forma o contexto do livro deve ser ancorado no histórico do tempo, local e público da época de seu escritor. O Apocalipse procurou animar os primeiros leitores cristãos a resistirem às perseguições do Império Romano. Se o livro caísse nas mãos dos perseguidores romanos, como estava inscrito em linguagem codificada, esses não entenderiam seu grande alcance “subversivo” ao poder dos césares. Os cristãos deveriam estar envolvidos em construir a Cidade de Deus (seu Reino) e combater as bestas feras, baseados na fé dos heróis de Hebreus 11. Sete cartas são enviadas a sete igrejas na Ásia. Sete é um número relacionado à plenitude e está envolvido em todo o Apocalipse. A mensagem do livro tem caráter de alcance universal. Jesus é exaltado como rei do universo e convoca seu povo para conquistar e receber recompensas, por ocasião do “casamento” entre o Céu e a Terra, quando os salvos herdarão o novo mundo que Deus lhes reservou.

Ver-se a sala do trono de Deus onde aparecem várias criaturas e anciãos que representam toda a criação do universo e sete Espíritos de Deus (Espírito: do Senhor; de sabedoria; de entendimento; de conselho; de poder; de conhecimento e de temor do Senhor) – Ele manifesta-se no seu santuário. No passado tabernaculou no jardim no Éden, na tenda no deserto, no templo de Jerusalém, em nossos dias, dentro dos crentes e no povir na Nova Jerusalém. “Eis que o Tabernáculo de Deus agora está entre os homens, com os quais Ele habitará. Eles serão o seu povo e o próprio Deus viverá com eles, e será o seu Deus.”

Na mão direita do Todo Poderoso, aparece um pergaminho fechado com sete selos. A Terra, anteriormente usurpada, será totalmente reconquistada por Cristo - o único que tem autoridade para remir e libertar toda a humanidade, pois pagou um alto preço por ela e pelo universo todo. O invasor e posseiro da Terra, o diabo, será preso e aniquilado (...então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus destruirá pela manifestação de sua vinda.) Satanás será destruído, nada em toda a criação pode trazê-lo de volta.

A promessa do reino, relatada pelos profetas do Antigo Testamento, foi garantida pelo sacrifício de Jesus na cruz, sua ressurreição e assunção ao trono. A morte de

Jesus foi uma derrota para as hostes malignas do dragão vermelho. Jesus, o Cordeiro de Deus, aparece sentado ao lado da majestade como Criador e Redentor. Abrir o pergaminho é o símbolo da sua total autoridade para conduzir a história até sua conclusão.

Deparamo-nos com três ciclos de sete: sete selos, sete trombetas e sete taças. As últimas taças saem das trombetas e estas do sétimo selo, um conjunto de ações que culminam no juízo final. São três maneiras diferentes que tratam sobre o retorno de Jesus. A abertura dos selos desencadeia o processo da reconquista da Terra. Ao abrir-se os primeiros quatro selos, veem-se quatro cavaleiros que simbolizam tempos de guerras: fome, pestes e morte – de acordo com Zacarias 1. São acontecimentos que devem acontecer antes do fim da era, que culminará com a parousia de Cristo.

O quinto selo mostra os mártires que clamam a Deus, o sexto selo é a resposta divina a este clamor - os inimigos do povo cristão gritam: quem é capaz de suportar a ira do Cordeiro. Os servos de Jeová são selados para suportarem toda a perseguição e evangelizarem o mundo. Doze mil de cada tribo de Israel. Cento e quarenta e quatro mil representa, na gematria hebraica, um número completo. Em seguida, aparece uma grande multidão que ninguém podia contar - um exército messiânico composto por pessoas de todas as nações que foram redimidas pelo sangue do Cordeiro. Na época e que viveu João, selos eram usados para marcar documentos e garantir suas autenticidades. Cada selo era único e pessoal: o selo de uma pessoa não podia ser confundido com o selo de outra. O selo na testa dos 144 mil deixa bem claro que eles pertencem a Deus e são seus protegidos.

No sétimo selo, as trombetas de advertências começam seus toques e fogo foi retirado do altar e lançado sobre à Terra como resultado do clamor dos perseguidos por causa do testemunho de Jesus. Caem sobre a Terra pragas como as que caíram sobre o Egito na libertação do povo hebreu. Quatro cavaleiros são soltos - devem ser os mesmos da abertura dos quatro selos iniciais - trazendo juízo sobre os moradores da Terra. Assim como faraó não se arrependeu e endureceu o coração para com de Deus, as nações também o fazem. Os julgamentos divinos não levam as pessoas a se arrependerem, elas estão cheias de roubos, assassinatos, prostituições e blasfêmias, seus ouvidos estão agravados, seus corações endurecidos e continuam adorando os demônios.

Finalmente, o pergaminho foi totalmente aberto e o reino de Deus será estabelecido em definitivo. Mas o diabo não fica de braços cruzados e revelado como um dragão vermelho, grande, com sete cabeças e dez chifres. (Daniel 7.7 – Ap. 12.4) se manifesta violentamente. Como dito, as advertências de Deus, através dos selos e das trombetas, não geraram arrependimento global e as nações serão abaladas com o toque da sétima trombeta. Uma batalha espiritual cósmica está por trás de toda esta trama, é uma manifestação que começou em Gênesis. A serpente que representa a fonte de todo mal é revelada como o dragão que ataca a mulher e sua semente. O Messias derrota o dragão através de sua morte e ressurreição.

O dragão lançado à Terra persegue o povo do Messias que resiste firmemente. Aparecem duas bestas, uma sai da terra e a outra do mar, elas recebem poder do dragão; uma delas utiliza este poder pela violência, a outra opta por ser uma máquina de propaganda religiosa enganosa que declara o dragão como divino e único senhor. As bestas vão exigir fidelidade total das pessoas que deverão levar a marca da besta, 666, na testa ou na mão, trata-se de uma marca antiShemá (ouvir) ensinado aos filhos de Israel: ouve Israel o Senhor é o único Deus – uma antiga oração de fidelidade ao Criador que deveria ser colocada na testa e na mão por um tefilin[1]. O sinal na testa fala de aceitação e o na mão de ação. O diabo é o maior imitador para o mal das coisas de Deus, o Apocalipse desmascara suas obras. A marca da besta é uma falsificação do selo de Deus; é uma afronta aos mandamentos da Lei de Deus, talvez por parte de um futuro governo mundial. Por exemplo, o não assassinarás é substituído pelo direito ao aborto. Propostas governamentais que afrontam a Lei de Deus estão surgindo em vários Parlamentos mundo à fora. O engano tenta convencer a partir de uma narrativa falsa com objetivos escusos. As nações rebeldes exigem fidelidade proibindo a igreja de pregar sobre práticas condenadas pela Bíblia Sagrada. As nações, como mostrado a Daniel, tornam-se bestas quando exaltam seu próprio poder e segurança como um falso deus e exigem fidelidade total para si.

Há um Evangelho eterno chamando a todos para adorarem a Deus, se arrependem de seus pecados e saírem da Babilônia. Vê-se uma colheita de trigo que representa o povo de Deus colhido para Ele, e uma colheita de uvas para serem esmagadas no lagar da ira divina, que representa os que se rebelaram contra o Criador, foram intoxicados com o vinho da meretriz sentada sobre o dragão, que reuniu seus seguidores para fazer guerra - sexta taça - contra os cristãos: Armagedom. João faz menção também da batalha registrada no livro de Ezequiel: Gogue de Magogue. Gogue é o símbolo das nações reunidas que desafiam a Deus.

Três temas chaves e definitivos são tratados: a queda da Babilônia; a batalha final para derrotar o mal e a chegada da Nova Jerusalém. Jesus aparece em um cavalo branco para destruir o mal do mundo para sempre, a espada que sai de sua boca fará justiça e responsabilizará aqueles que se negam a se arrepender e destroem o mundo de Deus. O dragão e seus seguidos serão destruídos no Lago de Fogo.

Deus fará todas as coisas novas em um novo Céu e uma nova Terra como um novo Jardim do Éden: o paraíso da vida eterna com Deus. Não haverá templo na nova criação, porque a presença de Deus encherá o novo mundo. Deus será tudo em todos. O Apocalipse é uma história épica exemplificada em toda a Bíblia, é uma história de amor com um final feliz. A visão simbólica que traz alento e encorajamento à igreja do primeiro século e de todos os demais. Deus revela-se no Apocalipse como o todo poderoso (Shaddai) e desfecha o livro de maneira maravilhosa. O universo inteiro louva a Deus, pois o Cordeiro abriu os selos no lugar mais santo do santuário. Cada abertura dos selos fez acontecer algo na Terra, o livro na mão de Jesus desencadeia fatos que acontecem por toda a história. Deus

tem o controle pleno sobre todas as coisas, nada acontece fora do seu plano e controle. Nada acontece na Terra por acaso, Deus lança terremotos, relâmpagos e trovões a cada trombeta tocada.

A história da humanidade é gerenciada por um Deus todo poderoso que controla o Universo desde o seu santuário. Deus é apresentado como o governante que contém o cetro de majestade. Ele é digno de ser adorado, possui poder absoluto sobre a natureza e as criaturas. Ele controla as pragas das taças e vence o dragão.

Ele é Rei dos Reis e Senhor dos senhores. Cada trombeta é um evento: sete trombetas - sete eventos principais.

O livro do Apocalipse, do seu início ao seu fim, demonstra que o ser humano não está sozinho diante dos infortúnios e do sofrimento. Deus continua sendo todo poderoso e bondoso. O mal e o sofrimento jamais determinarão a última realidade nos eventos humanos, a realidade final, a última palavra da história será uma nova criação e um novo reino onde todas as lágrimas serão enxugadas por Jesus. No momento certo, determinado por Deus, o problema do mal será resolvido. Deus é o juiz que escuta o clamor e a oração. A solução final para o problema do mal, garantida pelo sacrifício e ressurreição de Jesus, será um novo Céu e uma nova Terra. Devemos olhar para a vida sob a perspectiva da eternidade divina.

Nada acontece por acaso e o problema do mal será resolvido em definitivo como demonstração da bondade de Deus. Os que morrem no Senhor reinarão com Cristo. Felizes os chamados às bodas do Cordeiro, eles têm parte na primeira ressurreição, guardam as palavras desta profecia, terão direito a árvore da vida e entrarão na cidade pelas portas. O grande conflito estará terminado.

Shemá Israel, Adonai Elohenu, Adonai Echad.

[1] Tefilin é um par de caixinhas de couro, cada qual presa a uma tira de couro de animal, dentro das quais está contido um pergaminho com os quatro trechos da Torá em que se baseia o uso dos filactérios. As caixinhas são chamadas de "de-cabeça"- shel rosh "e "de-mão"- shel yad.

Por pastor Carlão
CEN – MINISTÉRIO DE ENSINO

